

# Escrita de pré-universitários sob o prisma dialógico da língua(gem)

Fabício José da Silva<sup>1</sup>

Rosângela Rodrigues Borges<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo decorre de análises que dizem respeito a duas *Redações do Enem* centradas em aspectos relativos às formas pelas quais o escrevente dialoga com os seus destinatários no processo de escrita. Tem-se por objetivo a busca e a análise de como o escrevente, na seção do desenvolvimento no gênero discursivo Redação do Enem, dialoga com (i) a voz social da academia, o [ex]-professor da Educação Básica ou Cursinho e a banca avaliadora; e (ii) com as noções de alteridade, exotopia, excedência de visão e cronotopo do endereçamento, de maneira a desvelar imagens de si e do outro, provocando naquele a sensação de estar vendo imagens desejadas de si. Para tal, as redações que constituem nosso *corpus* de análise foram selecionadas, organizadas e recortadas, tendo como ponto de vista metodológico o olhar de Ginzburg (1989, 2006), ancorado no Paradigma Indiciário e no excedente de visão na instância do olhar do pesquisador para a singularidade dos dados. Como base teórico-metodológica, tem-se a perspectiva dialógica da língua(gem), descendente do Círculo de Bakhtin, considerando-se a inter-relação entre alteridade, exotopia, excedência de visão, cronotopo e cronotopo do endereçamento (BORGES, 2017). Os resultados indicam que o escrevente refrata a si e ao outro em seu percurso pela escrita, desvelando imagens e construindo pontos de encontro que se configuram o cronotopo do endereçamento. Com esta reflexão, visamos à contribuição para o ensino da escrita com base na explicitação da não gratuidade do que o escrevente faz na redação em seu diálogo com o(s) destinatário(s).

**PALAVRAS-CHAVE:** Dialogismo. Redação do Enem. Alteridade. Escrita.

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e bolsista CAPES de mestrado pela Universidade Federal de São Carlos (PPGL/UFSCar). E-mail: [fabiciojosesilva48@gmail.com](mailto:fabiciojosesilva48@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7422-8989>.

<sup>2</sup> Professora Adjunta na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). E-mail: [rosangelarborges@gmail.com](mailto:rosangelarborges@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1309-6462>.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Situada nos modelos representativos do letramento autônomo (STREET, 1984), a escrita é entendida como produto, sendo as práticas decorrentes desta ocorrendo, a rigor, no interior da escola e da academia. Neles, essa visão de escrita é condizente com (1) o modelo das habilidades cognitivas cuja principal função é desenvolver competências cognitivas para que se exerçam práticas de leitura e de escrita; e com (2) o modelo de socialização acadêmica tomando como premissa basilar o contato do escrevente com diferentes gêneros discursivos de determinada esfera e, em consequência, a produção de gêneros que circulam nessas esferas.

Em contraste, Street (apud KLEIMAN, 1995) apresenta o modelo ideológico de letramento, o qual afirma que as práticas de letramento(s), entendidas no plural, partem do social e do culturalmente determinado, e, por essa razão, os significados da escrita de um grupo social são dependentes dos contextos e das instituições (agências de letramento) em que ela foi, *a priori*, adquirida. A partir desse modelo, o domínio da escrita e de suas funções compreende o acesso a outros mundos e a outras vozes – públicas ou institucionais – e com as quais se pode ter acesso às relações de poder.

Compreendido como um conjunto de práticas sociais (KLEIMAN, 1995), o letramento, neste trabalho, também engloba as implicações sociais por meio das quais os sujeitos nelas presentes podem significar, a partir da leitura e da escrita, o mundo para si e para o outro, construindo relações de identidade e de poder em conformidade com as suas intenções.

É exatamente esse o contexto no qual candidatos a uma vaga na Universidade se propõem à produção do gênero do discurso *Redação do Enem* (BAKHTIN, 2011) com vistas ao seu preparo para a situação da qual participarão em uma (ou mais) edições do Enem. Nesse processo de preparação, vestibulandos buscam informações disponíveis nas redes sociais, plataformas digitais de correção, cursos na internet, escolas preparatórias/cursinho pré-vestibular, tal como se valem de dicas, modelos, macetes e roteiros presentes nessas esferas a fim de que possam praticar a escrita do gênero na expectativa de alcançarem êxito na prova.

Por se tratar de linguagem, entendemos, todavia, que o processo de escrita não é simplista e que não se reduz à atribuição de dicas, macetes, modelos, roteiros e nem se limita, tampouco, ao estudo analítico das competências exigidas pela prova. A hipótese que norteia este trabalho é a existência de um esquema de texto, um modelo, sobretudo

na escrita da Redação do Enem, que permite ao escrevente produzir um *bom texto* e atender às expectativas dos destinatários/interlocutores e às competências que lhes são exigidas por esses últimos. Nesse processo tenso, dialógico e produtivo, alguns questionamentos adquirem relevo; suas respostas, na maioria das vezes, são convertidas em macetes: “Esse repertório se encaixa em qualquer tema sobre preconceito/*bullying*?”, “Como começo o meu texto?”, “Preciso propor soluções para todos os problemas apresentados no texto quando for escrever a conclusão?” Esse ponto de tensão – o diálogo do escrevente na/com a escrita, na/pela linguagem – é a problematização a que nos propusemos explorar.

Fundamentados no paradigma indiciário (GINZBURG, 1989, 2006) e no princípio dialógico constitutivo da língua(gem) proposto por Bakhtin e o Círculo, objetivamos investigar gestos de linguagem na escrita da Redação do Enem que indiquem de que modo o escrevente dialoga com seus destinatários e constrói o cronotopo do endereçamento na seção do *desenvolvimento*. Especificamente, pretendemos analisar como o escrevente dialoga com (i) seus possíveis destinatários (a voz social da academia, o [ex]-professor da Educação Básica/Cursinho e a banca avaliadora), na organização da seção do *desenvolvimento* no gênero do discurso Redação do Enem e (ii) com as noções de alteridade, exotopia, excedência de visão e cronotopo do endereçamento ao desvelar imagens de si e do outro nesse processo.

Quanto à análise, selecionamos duas redações de um rol de Redações Nota Mil – 2020/2019<sup>3</sup> – na organização do desenvolvimento do gênero discursivo Redação do Enem, para a configuração do cronotopo do endereçamento. Nesse processo, ter-se-iam imagens refratadas de si pela atuação do cronotopo e do excedente de visão em seus gestos de linguagem indicativos das réplicas a seu(s) possível(eis) destinatário(s), por pressupor – ou ter sido orientado para – um modelo de *bom texto*, cuja produção atenderia às competências exigidas pela prova e às expectativas dos destinatários em voga.

Em vista desse cenário, este artigo está estruturado em cinco seções. Inicialmente, apresentamos os conceitos de relações dialógicas e de gêneros do discurso. Em seguida, tecemos considerações relativas às noções de alteridade, excedente de visão, cronotopo(s) e exotopia. Sequencialmente, apresentamos o percurso metodológico e a análise proveniente do *corpus*. Feita a discussão e a análise

---

<sup>3</sup> Disponíveis em: [www.brasile scola.uol.com.br/enem](http://www.brasile scola.uol.com.br/enem). Acesso em: 27 abril. 2021.

do *corpus*, destacamos, finalmente, os principais resultados, procurando contribuir para a reflexão acerca da relevância do tema nos estudos linguísticos subjacentes à formação de professores para o ensino da escrita, mais precisamente, em contexto de vestibular.

## 2 DIALOGISMO E GÊNEROS DO DISCURSO NA RELAÇÃO COM O *OUTRO*

Por sua própria natureza, a linguagem, conforme Bakhtin, tem a propriedade de ser dialógica. Nela, todos os enunciados, em dado processo de comunicação, apresentam-se a partir de relações dialógicas. O dialogismo, segundo nos lembra Fiorin (2017), seriam as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados e por meio das quais se dá a interação humana na relação com o *outro*. Nessa seara, a constituição do sujeito na/pela linguagem ocorre em razão da participação de um diálogo com outros textos, com discursos, esferas do letramento e com o outro, ainda que esse outro possa ser ele mesmo<sup>4</sup>. Voltados a outros discursos que os circundam, todo objeto aparece, pois, embebido e envolto em discursos. Portanto, os enunciados – e não as unidades da língua – caracterizam-se sempre por sua natureza dialógica e irrepitível, uma vez que, dada a sua funcionalidade, ao passo que se manifestam, adquirem uma nova entonação, um novo acabamento a partir de ecos e lembranças de outros enunciados já proferidos.

As unidades da língua, sendo neutras, não são contempladas com um destinatário; os enunciados, sim. Condizentes com a noção de dialogismo, Bakhtin apresenta três conceitos que a (re)formula. O primeiro conceito de dialogismo apresentado por Bakhtin diz respeito ao modo de funcionamento real da linguagem e ao princípio constitutivo do enunciado: todo enunciado é uma réplica elaborada a outro enunciado, cujas vozes em voga são sempre duas ou mais. O segundo conceito de dialogismo, por sua vez, diz respeito a diferentes maneiras externas e visíveis<sup>5</sup> com as quais se podem mostrar outras vozes no discurso. Trata-se, nesse caso, de uma forma composicional. Entendido como um conceito que está para além dessas formas composicionais, Bakhtin chama esse segundo conceito de “concepção estreita do dialogismo”. O terceiro conceito de dialogismo, em sua totalidade concreta, faz menção à constituição do indivíduo na relação com o *outro*. Relacionados à constituição do

---

<sup>4</sup> No meu enunciado, também estão presentes as vozes do outro a partir de relações dialógicas com as quais, em determinado momento, tive contato, ainda que esse outro não esteja presente fisicamente.

<sup>5</sup> Quando assumidas pelo sujeito, ganham sentido e acabamento, sendo transformadas, portanto, em enunciados, o que configura o princípio dialógico constitutivo da linguagem (FIORIN, 2017).

indivíduo, os enunciados, portanto, são também constitutivamente ideológicos na medida em que carregam respostas ativas interiorizadas às vozes do outro (FIORIN, 2017).

A tese do dialogismo se sustenta, pois, nos domínios da racionalidade e da afirmação nas instâncias da consciência, visto que despreza a função que o inconsciente poderia desempenhar (CARVALHO, 2012). No dizer de Bakhtin (2010, p. 11), “a consciência do autor é a consciência da consciência, isto é, a consciência que abrange a consciência e o mundo da personagem, que abrange e conclui essa consciência da personagem com elementos por princípio transgredientes a ela mesma”.

Logo, pode-se inferir que o enunciador ocupa uma posição exterior/exotópica, dado que o sujeito, na atuação consciente, tem o privilégio de conhecer (ou supõe conhecer) – mais ou menos profundamente – o outro, a quem se endereça a palavra, sendo o seu destinatário. Dessa feita, tem-se, portanto, um excedente de visão<sup>6</sup> e de conhecimentos que lhes são familiares (ou não) com a relação a esse último. Enunciado, consciência e diálogo também são considerados um tipo de atividade não finalizável e marcados por sua irrepetibilidade (CARVALHO, 2012). Notadamente, na relação entre o *eu* e o *outro*, há um processo contínuo de diálogo, quer entre o enunciador e o seu coenunciador, quer, ainda com maior ênfase no campo da escrita, entre o escrevente e o seu destinatário/interlocutor. Dito de outra maneira, referimo-nos a um diálogo em andamento, sempre compreendido como um processo. Ainda que na dupla pertença entre *eu* e o *outro* possa se questionar a respeito do outro, ao mesmo tempo se questiona sobre si mesmo, pois daí surgem suas posições axiológicas; ou seja, no contato com o diálogo, trazemos à baila aquilo cujas valorações podem ser compreendidas tanto positiva quanto negativamente em relação ao outro. Portanto, ambos os lados estão em contínuo processo de construção.

Os gêneros do discurso caracterizam-se, conforme elucida Fiorin (2017), amparado em Bakhtin, por seu conteúdo temático, pela sua construção composicional e por seu estilo. Como meios de apreender a realidade, tais gêneros estão sempre em contínua modificação<sup>7</sup>. São divididos por Bakhtin em primários e em secundários. Sumariamente, os gêneros primários estão no cerne da esfera cotidiana com relação estritamente ligada ao contexto mais imediato, tais quais: a piada, o *chat*, o bate-papo, a conversa telefônica, o e-mail, o bilhete. Os secundários, por outro lado, estão no cerne

---

<sup>6</sup> Mais adiante, retoma-se a noção de excedente de visão na escrita.

<sup>7</sup> A epopeia, por exemplo, desaparece e dá lugar a novos gêneros, como os *memes*.

da comunicação cultural mais elaborada, como a religiosa, a jornalística, a jurídica, a política. São exemplos: o editorial, o romance, a poesia lírica, o artigo científico. Nas palavras de Bakhtin (2011, p. 281), esses elementos “fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado e [...] são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação.”

Nesta seção, explicitamos as noções de dialogismo/relações dialógicas e de gêneros discursivos, tão caras à teoria do Círculo de Bakhtin e mediante as quais também se dá o desenvolvimento deste trabalho. A seguir, passamos aos conceitos de exotopia, excedente de visão e cronotopo(s).

### **3 EXCEDENTE DE VISÃO E CRONOTOPOS: UMA QUESTÃO TAMBÉM DE IDENTIFICAÇÃO**

No ato enunciativo, o sujeito ocupa uma posição exterior em relação a si e ao outro. Referimo-nos à exotopia, conforme Bakhtin, dado que o enunciador, no mais das vezes, tem o privilégio de conhecer integralmente o seu destinatário – ou coenunciador –, o que configura a excedência de visão. Em termos gerais, na relação axiológica entre o *eu* e o *outro*, é possível formar esteticamente em mim a imagem externa inacabada do outro (BARBOSA, 2012). Assim sendo, a partir do meu único lugar na existência, que não deixa de ser privilegiado por se tratar de uma unicidade, sou eu que posso dar um acabamento externo à minha palavra, ao meu enunciado, à minha imagem e à imagem externa do outro tendo em vista o conhecimento adquirido acerca desse outro. Desse modo, para Bakhtin (2011), o excedente da minha visão no que toca ao outro instaura uma gama de atos internos ou externos a partir da qual posso formar o meu conhecimento a respeito do outro, de sorte que esse conhecimento também possa completá-lo onde esse outro não possa se completar, pois, de certa maneira, é inacessível a ele. Já para Bemong e Borghart (2015), ao contemplar um ser humano situado exteriormente a mim ou defronte a mim, nossas experiências sociais não se coincidem, uma vez que, independentemente da proximidade ou da posição do ser contemplado, partindo do meu espaço exterior, sempre vejo algo que esse outro, do seu espaço exterior e frontal, não consegue ver. Infere-se, portanto, o fato de alguns pontos serem acessíveis apenas a mim, não ao outro; e vice-versa. Nas palavras de Bakhtin (2011, p. 23),

Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento. (BAKHTIN, 2011, p. 23)

Criatividade, diálogo e acontecimentalidade<sup>8</sup> também dependem da existência de um excedente de visão. A essa esfera combinada entre criatividade, acontecimentalidade e excedente, dá-se o nome de “não finalizabilidade.” Conforme Bakhtin, de posse do diálogo, a existência no mundo se dá a partir de três instâncias que se inter-relacionam, a saber: o *eu-para-mim*, o *eu-para-o-outro* e o *outro-para-mim*. Sabe-se que o sujeito não assume nenhuma delas isoladamente; na existência, ele atua transitando por esses três espaços. Embora, à primeira vista, possa parecer uma atitude centrada somente no *eu*, o *eu-para-mim* também envolve – mais ou menos marcadamente – a existência do outro. Este outro também resguarda um excedente de visão suplementar a mim mesmo: o outro consegue ver coisas que, do meu lado exterior, não sou capaz de enxergar inteiramente; seja meu corpo, minha expressão facial, seja minha presença no mundo. Nessa direção, com base na excedência de visão, o inverso também acontece: ainda que parcialmente, há, no outro, aquilo que me é inacessível. Em suma: sou outro para um outro *eu-para-mim*, e minhas posições axiológicas/valorações dependem, em grande parte, do *outro-para-mim*. Consoante Faraco, o autor-criador seria, então, “uma posição refratada [...] porque se trata de uma posição axiológica recortada pelo viés valorativo do autor-pessoa; refratante porque é a partir dela que se recorta e reordena esteticamente os eventos da vida (apud RODRIGUES, 2012, p. 71).

Por meio da empatia e da excedência de visão, na responsabilidade do ato, o *eu* se identifica com o *outro*, ainda que esse outro possa ser – em partes – diametralmente oposto ao eu. Sob esse viés, o excedente de visão também pode lançar luz a distintos debates e tensionamentos, como o embate entre os divergentes pontos de vista que moldam a consciência. Transitando por posições axiológicas, discursos políticos, por exemplo, mostram-se como a realidade do embate entre diferentes perspectivas, cuja

---

<sup>8</sup> Entendida no campo da imprevisibilidade, caracteriza-se como a qualidade daquilo que acontece embora pudesse não ter acontecido (BEMONG e BORGHART, 2015).

finalidade está relacionada diretamente ao convencimento do seu destinatário: o seu eleitor. Nesse contexto, se as perspectivas não condizem com as de seus eleitores, estes não se apresentariam como tais em relação ao suposto candidato. Logo, infere-se que as relações dialógicas se sustentam em função do jogo no qual entram em cena o campo da visão e aquilo que o excede – o excedente.

Atrelada à noção de excedente de visão está a de cronotopo, cujo surgimento consiste, sobretudo, no intuito de determinar a *imagem* do homem na literatura. *Cronós* designa tempo; *topos* representa o espaço. A correlação entre este e aquele determina, conforme Bakhtin, uma representação do mundo. Bakhtin explicita a noção de cronotopo como a “interligação fundamental das relações espaciais e temporais, artisticamente assimiladas em literatura” (2014, p. 211). Sendo uma categoria conteudístico-formal e por se tratar de uma interação recíproca entre tempo e espaço, representa o mundo e determina a *imagem* do indivíduo – sujeito, autor, enunciador, escrevente – nos textos. Para Bakhtin (2014), as línguas são inerentemente cronotópicas. Os cronotopos da língua emergem da densidade e da fusão de indicadores temporais e espaciais e surgem “a partir do papel da linguagem na mediação da relação entre subjetividade e intersubjetividade, na transformação recíproca da percepção individual [...] e de termos partilhados, mas abstratos, em modelos que dão forma inteligível à percepção privada (LADIN, 2015, p. 173).

Nas relações dialógicas, o tempo se concretiza, se materializa; ao passo que o espaço torna-se carregado no tempo e respondendo aos movimentos deste. A interligação entre este e aquele forma, por conseguinte, um todo concreto e cuidadosamente pensado, haja vista que o sujeito constrói temporalidades, espacialidades, constrói-se e se (re)formula a partir das relações entre sujeitos, tempos e espaços, na/pela linguagem. Situado também no campo das relações anafóricas, os cronotopos podem coexistir. Imbricando-se uns aos outros e tomando seu sentido a partir das referências com as quais dialoga, podem confrontar-se, opor-se, da mesma maneira com que acontece com os gêneros do discurso e com os enunciados, marcados por sua irrepetibilidade e por sua instabilidade. Nos estudos literários, ao se tomar uma obra como objeto de pesquisa, por exemplo, são realizadas análises das mudanças decorrentes no espaço e no tempo, do desenrolar do enredo, representando, de saída, o mundo ficcional que lhe é inerente e elaborado pelo autor. De outra parte, nos estudos discursivos, é sabido que, em cada gênero, há um distinto cronotopo (ALVES, 2012).



A partir das relações espaciais e temporais, são construídas, portanto, imagens do mundo, cujos sentidos representam a realidade incorporada. Segundo Cabral (2012), para Kant, a questão espaço-temporal pode ser entendida como forças atuando como condições transcendentais do conhecimento e, em Einstein<sup>9</sup>, tempo e espaço seriam o “tecido do mundo”, que determina o funcionamento dos corpos. Em Bakhtin, por seu turno, tempo e espaço são interpretados como materiais objetivos da própria realidade efetiva, representando, conseguintemente, a experiência e as possibilidades de sua concretização. O tempo passa, assim, a ser representado como evento concreto e imediato, um tempo em consonância com a realidade imediata. Já o espaço, em se tratando de literatura, representa o palco no qual geograficamente podem ocorrer as ações da personagem (CABRAL, 2012).

Ainda com relação aos cronotopos, cumpre destacar, nesse particular, que estes não se apresentam apenas nos textos literários: opiniões, charges, *memes*, retórica governamental, discursos de representações midiáticas – os gêneros do discurso em sentido *lato* – também se afiguram num palco em que cronotopos podem ser estrelados. Bakhtin (1990) apresenta diversos tipos de cronotopos, os quais emergem estritamente ligados aos índices do tempo transparecidos no espaço: o cronotopo da estrada, do encontro, da sala, do castelo, do salão, da cidade, do caminho. Tomado inicialmente, o cronotopo da estrada representaria o encontro/desencontro/convergência de trilhas. O do castelo, a saturação do passado histórico; o do salão, as salas de visita e a miniatura das relações sociais, dentre outros cronotopos não citados. Por esses caminhos (cronotopos), poder-se-iam reconhecer os índices de transformações do mundo a partir do princípio constitutivo dialógico e plural da linguagem.

Situado no campo da escrita<sup>10</sup> está o conceito de *cronotopo do endereçamento*, cujo surgimento se dá a partir dos estudos de Borges (2017). Este, por sua vez, “se configuraria como uma estrada virtual, análoga ao cronotopo da estrada, proposto por Bakhtin (2014, p. 223), com pontos de encontro que indicariam, de forma mais (ou menos) marcada, o diálogo do escrevente com os seus possíveis destinatários” (BORGES, 2017, p. 24). Neste trabalho, a relevância desse conceito reside na compreensão de que, numa relação recortada pelo viés valorativo entre o *eu* e o *outro*,

---

<sup>9</sup> Conforme Alves (2012), certamente Bakhtin se apropria da matemática e dos conceitos de Einstein, ao versar a respeito das noções de tempo e espaço. Morson e Emerson (1990, p. 372 apud LADIN, 2015, p. 165) também recordam que “o ensaio do cronotopo e os escritos correlatos faziam parte do grande projeto do seu terceiro período, elucidar e exaltar o gênero do romance.”

<sup>10</sup> Neste trabalho, operamos com a noção de cronotopo do endereçamento na escrita.

por meio do excedente de visão, há em mim a imagem externa inacabada do outro. Com vistas ao seu acabamento externo, pela alteridade e pelo princípio dialógico da linguagem, na materialidade discursiva do texto, eu endereço a palavra a outrem, procurando antecipar minhas réplicas a partir do conhecimento adquirido acerca desse outrem – *cronotopo do endereçamento*.

O escrevente assume, assim, a posição do *outro-para-mim* no processo de constituição da escrita. Dito de outro modo, o sujeito se distancia de si e, pela alteridade e pela excedência de visão, tenta dar o acabamento estético ao seu enunciado a partir do constante diálogo com o outro. Desse modo, não há uma relação que só exista completa e inteiramente em razão do *eu* para consigo mesmo (RODRIGUES, 2012). Na responsabilidade do ato da resposta, mediada pela consciência, o sujeito/escrevente/autor singulariza e objetiva a sua identificação – ou não – com outro indivíduo, ainda que pequena e parcialmente. Contudo, se, por um lado, à medida que essa identificação tende ao crescimento, aumenta o alcance, a compreensão e a harmonia presentes no diálogo; por outro, de encontro à harmonia e à compreensão, ao passo que essa identificação tende a diminuir, constata-se, gradativamente, a ineficácia das relações dialógicas. À vista disso, pode-se citar que,

Se, por um lado, o processo de fala/escrita se particulariza no escrevente, por outro, seus “equivocos” são repletos de respostas que denunciam a **convivência** das práticas sociais, as quais, por sua natureza histórica, se transformam, estabelecendo novas relações dialógicas. Eis um modo interessante de vincular a criatividade do falante/escrevente à **particularidade** de sua inserção histórica e de suas relações com o enunciado do outro (CORRÊA, 2003, p. 69 destaques nossos).

No que concerne aos gêneros do discurso, estes se encarregam de explicitar a convergência dos embates decorrentes da identificação como um *continuum*: experimentação e vivências no tempo. À luz dessas noções, Bakhtin (apud MACHADO, 2010, p. 15) apresenta alguns dos movimentos organizados no tempo, com base em posições axiológicas: a compenetração e o acabamento. Aquela sendo a representação da vivência concreta do que o outro vive; ou seja, viver os sentimentos do outro na perspectiva do outro, tal qual ele o vivencia, de modo a não se confundirem as duas vivências postas em causa. Este sendo a representação do momento da construção estética a partir da qual, por meio do retorno à consciência do autor,

constrói-se um acabamento, isto é, assume uma posição enunciativa e adota, simultaneamente, uma atitude responsiva ativa: ora concorda e discorda, ora complementa e adapta, ainda que parcialmente (BAKHTIN, 2011).

Retomando a noção de cronotopo, vale explicitar sua função no plano da escrita. Um cronotopo exerce sua função a partir do momento em que se determina, na escrita, a *imagem* de seu enunciador por meio da excedência de visão, segundo a qual reflete a realidade incorporada e materializada no tempo e no espaço. No que toca à Redação do Enem, por meio do excedente de visão e do cronotopo do endereçamento, o escrevente reflete sua imagem, a imagem presente em seu imaginário a respeito da prova e da constituição do que acredita ser um *bom texto* (CORRÊA, 1997) e sua(s) intenção(ões) tentando se apresentar como autor<sup>11</sup> do que diz, num processo de elaboração, também, da imagem de futuro universitário que acredita ser a que a banca avaliadora deseja. Nessa perspectiva, o dizer do enunciador situa-se, portanto, espaçotemporalmente e em constante diálogo com o outro.

Na alternância – mais ou menos marcadamente presente – entre as noções de alteridade, cronotopia e excedência de visão, o escrevente dialoga com o(s) seu(s) possível(eis) destinatário(s). Conforme Bakhtin (2011, p. 328-335), são estes: destinatário imediato, presumido e sobredestinatário – ou supradestinatário. O primeiro sendo aquele com quem o escrevente divide o horizonte social comum, o mais próximo deste, a quem se endereça o texto. O segundo sendo aquele com o qual o enunciador lida de maneira a presumir quem seja, procurando antecipar suas réplicas em conformidade com a compreensão adquirida sobre esse destinatário não tão próximo. O terceiro, por fim, sendo aquele cuja voz representa uma instituição, aquele que nunca estará presente fisicamente, ou seja, aquele mais distante do enunciador/escrevente. No contexto de produção da redação do Enem, entende-se, neste trabalho, por destinatário imediato, o professor da Educação Básica e/ou Cursinho; o destinatário presumido como a banca examinadora da Redação do Enem; e o sobredestinatário como a voz de uma instituição: a voz social da academia.

Na seção seguinte, partindo dos conceitos anteriormente elencados, explicitamos noções com as quais se desenvolvem a metodologia e a análise do *corpus*.

---

<sup>11</sup> “Autor” é usado aqui como sinônimo de “produtor de um texto”, isto é, o enunciador.

#### 4 INDÍCIOS, VESTÍGIOS E SINGULARIDADES NO PROCESSO DE ANÁLISE

Conforme Borges (2017), a noção de cronotopo está direta e intrinsecamente relacionada à noção de espacialidade, isto é, o espaço é sócio e historicamente constituído pelo sujeito que, permeado pela linguagem e no diálogo com o(s) outro(s), transita nas temporalidades para definir, ou melhor, construir as *imagens* e as representações dos espaços. A noção de excedente de visão, por sua vez, está mais para a temporalidade, e, por essa razão, para o sujeito que atua *na* e *com* a linguagem numa forte relação de alteridade – uma relação que só existe diante do contraste com o mundo do outro.

As noções de temporalidade e de espacialidade, nesse contexto, são utilizadas com vistas a, na análise da escrita de pré-universitários – o gênero *Redação do Enem* –, envolvendo ensino de escrita, tomar a noção de excedente de visão como ponto de investigação, conforme proposto por Borges (2017). Em paralelo, baseamo-nos no paradigma indiciário (GINZBURG, 1989), e, ainda maior ênfase, no princípio bakhtiniano da propriedade dialógica da linguagem.

Na análise dos dados, ancoramo-nos no paradigma indiciário proposto por Ginzburg (1989, 2006), associando-o à noção de excedente de visão operacionalizada como uma maneira de o pesquisador olhar para a singularidade dos dados do objeto de pesquisa, conforme Borges (2017). Em linhas gerais, o excedente de visão é aqui entendido como um modo de olhar: (i) do pesquisador durante o processo de análise; e (ii) do escrevente em seu processo de constituição da escrita – escrita aqui concebida como um modo de enunciação. Para tal, trabalhamos com a comparação, identificação, seleção, observação e análise de indícios dos gestos de linguagem<sup>12</sup> do escrevente no seu percurso pela linguagem, cujos movimentos nesse trajeto – de retomada ou de antecipação – pudessem explicar os fatos discursivos ali presentes.

Em *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história* (1989), Ginzburg (1989, p. 150) se refere ao paradigma indiciário como um

método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores [e que] pormenores normalmente

---

<sup>12</sup> Nesse contexto, são entendidos como movimentos de retomada e de antecipação no diálogo com os possíveis destinatários.

considerados sem importância, ou até triviais, ‘baixos’, forneciam a chave para aceder aos produtos mais elevados do espírito humano. (GINZBURG, 1989, p. 150)

Nesse livro, há uma ênfase na analogia presente entre Giovanni Morelli, crítico; Sherlock Holmes, personagem de Arthur Conan Doyle; e Freud. Isso porque os três desenvolveram seus métodos nos indícios diminutos e nos dados marginais<sup>13</sup>. Para Morelli, por exemplo, os dados poderiam revelar momentos em que o artista fugia completa e inteiramente ao seu controle, dando espaço, assim, às idiossincrasias, sem que ele se desse conta disso, o que revelariam traços puramente individuais.

Em Tinem e Borges (2003), há a afirmação de que, por meio da utilização desse paradigma, Ginzburg mostra como, baseando-se naquilo que não é típico, isto é, naquilo que é, no mais das vezes, desconsiderado, pode ser uma alternativa mais eficiente em relação à descrição dos dados, visto que tal método se “constitui um caminho mais rico e produtivo, embora mais acidentado (e talvez exatamente por isso) para essa caracterização” (TINEM; BORGES, 2003, p. 7).

Partindo da excedência de visão e do olhar de Ginzburg (2006), durante o processo de análise e de interpretação das *Redações do Enem* – texto dissertativo-argumentativo –, foram perseguidos os seguintes indícios: (i) de como o escrevente dialoga com o(s) seu(s) possível(eis) destinatário(s) na seção do *desenvolvimento*;<sup>14</sup> e (ii) de como o escrevente estrutura o cronotopo do endereçamento na seção do desenvolvimento como a forma de dialogar com os destinatários e revelar possíveis imagens de si e do outro num processo de refração e de acabamento.

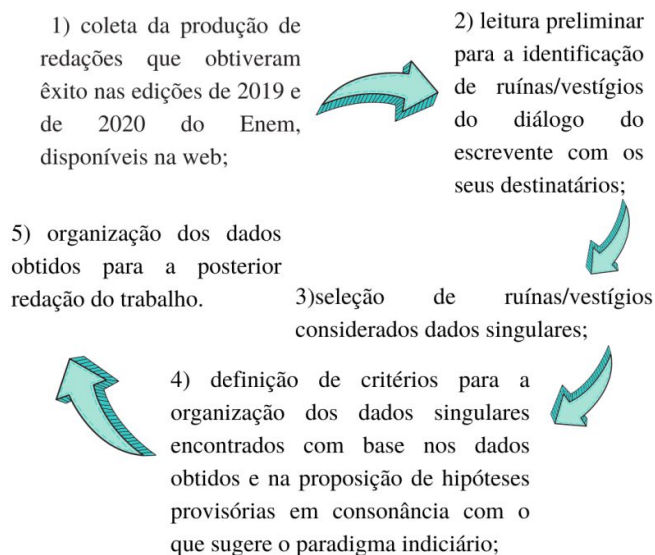
Esquemáticamente, o percurso metodológico descrito a seguir foi adotado para que se atingissem os objetivos propostos anteriormente citados neste trabalho:

---

<sup>13</sup> Segundo Tinem e Borges (2003, p. 1), “Ginzburg introduziu uma nova maneira de fazer História, alimentando a ideia de transgredir as proibições da disciplina e ampliando seus limites, em uma abordagem que privilegia os fenômenos aparentemente marginais, intemporais ou negligenciáveis[...]”.

<sup>14</sup> Tradicionalmente, textos dissertativo-argumentativos são divididos em introdução, desenvolvimento e conclusão, o que representaria o seu começo, meio e fim.

Figura 1 - Percurso metodológico



Fonte: elaboração própria.

Na próxima seção, discutimos e apresentamos as análises advindas das interpretações das redações com base na metodologia supracitada e nas noções que ancoram as considerações que se seguem.

## 5 DIÁLOGO, EXCEDENTE DE VISÃO E CRONOTOPO DO ENDEREÇAMENTO: NOTAS SOBRE A REDAÇÃO DO ENEM

A *Redação do Enem* é compreendida, neste trabalho, como um gênero secundário, dado que se encontra em edições do Exame Nacional do Ensino Médio e, portanto, exige formulações que dizem respeito a uma esfera cultural mais elaborada da sociedade em detrimento da esfera cotidiana. Por isso, mantém, também, uma relação de colonialidade, pois, ao utilizar a gramática normativa/norma-padrão como principal critério de avaliação da competência I, privilegia o uso de uma língua marcada por um preciosismo; excluindo, portanto, suas muitas outras possibilidades de manifestação e a consequente legitimidade dessas manifestações (DERING, 2022).

Além do mais, não é entendida aqui apenas como um gênero discursivo escolar, mas também como um gênero presente na vida de sujeitos enquanto estudantes/vestibulandos que se preparam, ao longo de um ou mais anos,

independentemente do grau de escolaridade, para prestar o Exame com vistas ao ingresso no Ensino Superior. A prova de redação, como é de conhecimento geral, também preconiza a aplicação de temas de ordem social, científica, cultural ou política e, como tal, espera de seus candidatos uma reflexão profunda acerca de políticas públicas (REZENDE, 2018). Inserida na área de *Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*, a Redação do Enem exige do participante o domínio das seguintes competências (INEP, 2019, p. 8):

**Quadro 1** - Competências da prova de redação do Enem

Competência I	Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa.
Competência II	Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa.
Competência III	Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.
Competência IV	Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.
Competência V	Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos.

Fonte: INEP.

A partir dos conceitos de cronotopo, de excedente de visão e de outras noções que se configuram o princípio dialógico da linguagem, apresentamos, em seguida, considerações acerca da análise do *desenvolvimento* – nosso objeto de análise – de duas redações contempladas com a nota máxima nas edições de 2020 e de 2019 do Enem<sup>15</sup>, cujos temas, respectivamente, dizem respeito ao “estigma associado às doenças mentais na sociedade brasileira” e à “democratização do acesso ao cinema no Brasil”. Apresentamos, ao mesmo tempo, réplicas do escrevente aos seus possíveis destinatários em tela (voz social da academia, professor da Educação Básica/Cursinho, banca examinadora), entendidas, também, como gestos de linguagem que denunciam a

<sup>15</sup> Durante a seleção das redações, foram analisadas, também, outras produções. No entanto, para os fins aos quais almejamos neste trabalho, consideramos que as duas redações contemplam, a contento, nossos objetivos.

imagem do escrevente e do(s) destinatário(s) no processo de escrita. Em que pese o fato de as redações serem de livre acesso na página *Uol.com*, na análise, utilizamos a identificação “escrevente 01 - E1” e “escrevente 02 - E2”, tencionando, em certa medida, manter o anonimato do escrevente.

Vejam as partes do *desenvolvimento* da redação do escrevente 01 (Enem 2020):

(E1) *Em primeiro lugar*, cabe ressaltar que a falta de informação da sociedade brasileira é o principal catalisador da problemática. De fato, o avanço da tecnologia e dos meios de comunicação é responsável pela rápida disseminação de notícias, principalmente no meio digital, mas isso não significa que os cidadãos se encontram mais conscientes acerca de temáticas sociais. Dessa forma, mesmo que diversos estudos atuais demonstrem a relevância da saúde mental e a legitimidade dos distúrbios psíquicos, as raízes de uma intolerância generalizada ainda questionam a veracidade da doença. Consequentemente, os indivíduos portadores de transtornos psicológicos vivem em um meio degradante de discriminação estrutural, enfrentando constantemente a invisibilidade presente na sociedade brasileira. De acordo com a escritora nigeriana Chimamanda Adichie, a rotulação de grupos sociais através de uma característica marcante é responsável pela criação de histórias únicas, as quais são repletas de preconceitos. Nesse viés, ao negligenciar a complexidade das pessoas com distúrbios mentais, devido a estigmas baseados no estereótipo de incapacidade ou de invalidez desses indivíduos, a sociedade míope alimenta uma visão eugenista e tóxica, limitando as diversas possibilidades de manifestação do ser humano (Destaques nossos).

(E1) *Ademais*, a ausência de compromisso do Estado para com a saúde mental dos cidadãos é outro ponto que fomenta o estigma criado sobre o problema. De certo, a falta de incentivos financeiros na área da psiquiatria e na acessibilidade é a realidade enfrentada no país, resultando nos diagnósticos tardios e na exclusão de uma parcela significativa da sociedade que necessita de cuidados especiais. Segundo o filósofo John Rawls, em sua obra “Uma Teoria da Justiça”, um governo ético é aquele que disponibiliza recursos financeiros para todos os setores, promovendo uma igualdade de oportunidades a todos os cidadãos e o acesso a uma vida digna. Sob essa óptica, torna-se evidente que o Brasil não é um exemplo dessa ética do pensador inglês, visto que negligencia a saúde mental dos brasileiros ao não investir corretamente nos setores públicos voltados ao atendimento e ao acolhimento desses indivíduos, submetendo-os a uma notória subcidadania (Destaques nossos).

Com base no exemplo em tela, na seção do *desenvolvimento* do gênero redação do Enem, pode-se reconhecer, numa relação de alteridade, o diálogo do escrevente com o(s) seu(s) destinatário(s) em voga. Ao citar, por exemplo, “em primeiro lugar”, E1 se



situa no tempo e no espaço em relação ao diálogo com a banca avaliadora para indicar àquela o início da argumentação, configurando indícios do cronotopo do endereçamento. Na sentença seguinte, quando diz “da sociedade brasileira”, assumindo uma posição exotópica e axiológica com base na excedência de visão, é de se pressupor que o escrevente, distanciando-se da sociedade brasileira, tenha a intenção de mostrar à banca, mediante suas escolhas baseadas no diálogo com esse destinatário, que a falta de informação concerne à sociedade brasileira, levando-nos a pensar – ou levaria a banca a pensar –, que, nesse caso, o escrevente não se encontra numa relação de alienação no que se refere às atualidades<sup>16</sup>, e sim a sociedade brasileira, atendendo também a um dos critérios de avaliação da redação: a Competência III, qual seja: “selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista”.

Quando faz uso do operador argumentativo/marcador discursivo “de fato”, há a intenção de reafirmar a necessidade de se compreender o avanço da tecnologia; no entanto, com o conectivo de valor adversativo “mas”, E1, refletindo sua criticidade e, por consequência, tentando construir uma imagem crítica e consciente inerente a ele, opõe-se a uma ideia de democratização acerca do acesso às informações, pois, em seguida, diz que os cidadãos não se encontram conscientes a respeito de assuntos pertinentes às temáticas sociais. Mais precisamente com base na excedência de visão, E1 denuncia uma imagem de cidadão cuja preocupação em relação a esses temas é evidente, o que o distancia, em certa medida, de outros participantes do Exame e/ou da sociedade brasileira.

Conectivos como “consequentemente” e “nesse viés” são os mais visíveis indícios dos gestos de linguagem indicativos das réplicas aos seus destinatários porque denotam que o escrevente está atendendo ao que a escola/cursinho preparatório para o Enem indicou: o uso de conectivos para estabelecer a coesão entre sentenças, parágrafos e ideias, bem como para promover a progressão temática. Outro gesto de linguagem que se configura uma estratégia produtiva é o fato de E1 optar por “o qual” em vez de “que”, por exemplo, em sua redação, o que nos levaria a depreender que, com base em posições axiológicas/valorações e na excedência de visão, E1 tece um diálogo com a banca e, ao mesmo tempo, com o professor da Educação

---

<sup>16</sup> Sabe-se que esse é um dos critérios exigidos pela prova de redação e que também compõe a nota final do participante com base nas competências. Consultar: [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes\\_e\\_examenes\\_da\\_educacao\\_basica/a\\_redacao\\_do\\_enem\\_2020\\_-\\_cartilha\\_do\\_participante.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes_e_examenes_da_educacao_basica/a_redacao_do_enem_2020_-_cartilha_do_participante.pdf)

Básica/Cursinho, pois (re)lembra suas orientações quanto à escrita: “substitua, em determinados contextos, “que” por “o qual”, a fim de se evitarem repetições<sup>17</sup> e/ou evitar possíveis ambiguidades.” Ao cabo da produção da primeira parte do *desenvolvimento*, doravante D1, E1 cita “as diversas possibilidades de manifestação do ser humano”. Com esse gesto de linguagem, E1 dialoga com a banca examinadora refratando a imagem desejada àquela por intermédio dos conceitos de excedente de visão e de cronotopo do endereçamento: um cidadão isento de preconceitos, já que considera as *diversas* manifestações do ser humano. Em outras palavras, o escrevente atendeu, mais especificamente, à Competência I, cujos critérios são relativos à modalidade escrita formal da língua portuguesa, e, paralelamente, à Competência IV, que trata dos mecanismos coesivos necessários à elaboração do gênero.

Na mesma direção, na segunda parte do desenvolvimento, partindo de um ponto de vista dialógico da língua(gem), ao citar “ademais”, E1 demonstra ter domínio de recursos coesivos necessários para a constituição do texto ao fazer uso de um termo bem menos usual na escrita de pré-vestibulandos, tentando, desse modo, se distanciar de outros candidatos que usam “além disso” e/ou se igualar àqueles que usaram esse mesmo conectivo e obtiveram uma boa pontuação<sup>18</sup>. Assim, E1 também dialoga com a banca examinadora ao se situar no tempo e no espaço tentando construir para essa banca a imagem de universitário acreditando ser a que a universidade deseja, qual seja, a de um estudante com domínio de recursos linguísticos mais elaborados e diversificados/sem repetições, o que também configura a atuação do cronotopo do endereçamento na escrita.

Com o fragmento “na exclusão de uma parcela significativa da sociedade”, E1 demonstra à banca que o estigma associado às doenças mentais – tema da redação do Enem 2020 –, resulta na *exclusão* de sujeitos cujas doenças mostram-se presentes. Tendo em vista esse diálogo, E1 também elabora uma imagem crítica, reflexiva e consciente dos efeitos desses estigmas em relação a si mesmo, o que atende à proposta da redação e, por conseguinte, à Competência II, a qual se refere à compreensão da temática e à aplicação das várias áreas do saber para desenvolvê-la; e, uma vez mais, às expectativas dos seus destinatários, uma vez que acredita ser essa a imagem de um sujeito com o qual a academia deseja lidar. Por outro lado, com o fragmento “dessa

---

<sup>17</sup> Recorrentemente, professores fazem uso desse tipo de orientação.

<sup>18</sup> Para a constituição do que acredita ser um *bom texto*, presente em seu imaginário, o escrevente também se baseia em recursos/estratégias que outros participantes delas se valeram e obtiveram destaque. Não nos aprofundaremos nesse tema, embora seja relevante.

ética do pensador inglês”, assumindo posições exotópicas e valorações com base na excedência de visão, E1 retoma o repertório utilizado substituindo-o por “pensador inglês”, contribuindo para a avaliação das Competências I e IV, dado que se vale da coesão referencial e de uma instância mais elaborada da modalidade formal da língua, que demonstram um conhecimento mais profundo e complexo referente a estratégias de organização textual.

Vejam, nesse momento, as partes do *desenvolvimento* da Redação do escrevente 02 (Enem 2019):

*(E2) De início, tem-se a noção de que a Constituição Federal assegura a todos os cidadãos o acesso igualitário aos meios de propagação do conhecimento, da cultura e do lazer. Porém, visto que os cinemas, materialização pública desses conceitos, concentram-se predominantemente nos espaços reservados à elite socioeconômica, como os "shopping centers", é inquestionável a existência de uma segregação das camadas mais pobres em relação ao acesso a esse recurso. Essa segregação é identificada na elaboração da tese de "autocidadania", escrita pelo sociólogo Jessé Souza, que denuncia a situação de vulnerabilidade social vivida pelos mais pobres, cujos direitos são negligenciados tanto pela falta de ação do Estado quanto pela indiferença da sociedade em geral. Fica claro, então, que o acesso ao cinema não é um recurso democraticamente pleno no Brasil (Destaques nossos).*

*(E2) Como consequência dessa elitização dos espaços públicos, que promove a exclusão das camadas mais periféricas, é observado um bloqueio intelectual imposto a essa parte da população. Nesse sentido, assuntos pertinentes ao saber coletivo, que, por vezes, não são ensinados nas instituições formais de ensino, mas são destacados pelos filmes exibidos nos cinemas, não alcançam as mentes das minorias sociais, fato que impede a obtenção do conhecimento e, por conseguinte, a plenitude da essência aristotélica. Essa situação relaciona-se com o conceito de "alienação", descrito pelo alemão Karl Marx, que caracteriza o estado de insuficiência intelectual vivido pelos trabalhadores da classe operária no contexto da Revolução Industrial, refletido na camada pobre brasileira atual. (Destaques nossos)*

No desenvolvimento da argumentação, E2 situa-se de um modo equivalente aos gestos adotados por E1, visto que também faz uso de um conectivo que o demarca na escrita em relação ao tempo e ao espaço condizente com o diálogo com a banca examinadora, seu destinatário presumido, a saber: “de início.” Ao citar a Constituição Federal, há a intenção de demonstrar à banca, assumindo uma posição exotópica, o uso pertinente do repertório sociocultural escolhido, uma vez que se contrapõe ao que é assegurado pela lei maior, tendo em vista que, no seu dizer, o cinema, na qualidade de

propagador do conhecimento, encontra-se nos espaços “reservados” à elite. Novamente, ao fazer uso do repertório escolhido, seus gestos de linguagem indiciam que, ao citar o aposto explicativo “escrita pelo sociólogo Jessé Souza”, estaria revelando à banca um conhecimento mais aprofundado acerca da tese do sociólogo, atendendo às Competências II e III<sup>19</sup> da redação mediante as noções de alteridade, excedência de visão e no constante diálogo com o(s) seu(s) destinatário(s).

Quando escreve “pela indiferença da sociedade em geral”, E2 também denuncia uma imagem empática e atenciosa quanto ao tema proposto pela redação, visto que, especialmente com a caracterização da *sociedade* como indiferente, podemos afirmar que E2, no seu percurso pela escrita, indica à banca que essa indiferença concerne à sociedade; não a ele. Tal fato se confirma ao tecer seus pontos de vista com base na argumentação.

Na segunda parte de seu desenvolvimento, a partir do momento em que E2 cita palavras, como “elitização do espaço público” e “exclusão das camadas periféricas”, também constrói uma imagem crítica frente a esses fatores historicamente presentes na sociedade e frente à banca examinadora de sua redação, problematizando-os. Nessa direção, quando afirma que o cinema constitui o saber *coletivo*, revela não somente o conhecimento quanto à importância do cinema para a construção de uma sociedade mais culta, como também a pertinência dessa contradição presente entre a elitização dos espaços públicos e o acesso ao cinema para a construção da argumentação com base no diálogo com o(s) destinatário(s) e a partir da tese defendida.

Uma vez mais, ao citar o aposto explicativo “descrito pelo alemão Karl Marx”, com esse gesto de linguagem, o escrevente demonstra à banca não só o conhecimento dos mecanismos linguísticos e gramaticais necessários ao gênero do discurso, como também o conhecimento das várias áreas do saber para desenvolver o tema. Não há gratuidade nesses gestos de linguagem do escrevente; pelo contrário, é por meio da excedência de visão que o escrevente se distancia em certa medida de sua própria escrita para indiciar à banca os conhecimentos escolares, incluindo os linguísticos, construiu ao longo de sua formação e dos quais se valeu para a construção da argumentação. Ou seja, seus gestos procuram atender, mais precisamente, às Competências I, II e, conseqüentemente, III, dado que essas Competências se referem,

---

<sup>19</sup> “Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa” e “Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista” (INEP, 2019, p. 08).

respectivamente, à norma culta da língua, ao atendimento à proposta de redação, à seleção de informações e à pertinência dessas informações para a defesa do ponto de vista. Gesto semelhante se repete com a sentença “no contexto da Revolução Industrial”, visto que E2, sem prejuízo semântico, poderia não ter citado essa informação. A análise evidencia que se caracteriza como mais um vestígio do diálogo do escrevente com a banca avaliadora, pois, uma vez mais, por meio do excedente de visão e do cronotopo do endereçamento, garante o uso pertinente do repertório em sua argumentação.

O escrevente busca, desse modo, no processo de escrita da Redação do Enem, criar uma imagem positiva para o(s) destinatário(s) em relação a essas temáticas de políticas públicas e alcançar um pleno domínio do que acredita ser um *bom texto*, mediante réplicas a esses possíveis destinatários, que, indiretamente, fazem parte desse diálogo. Retomando Faraco, citado por Rodrigues (2012), o *autor* é uma posição refratada e refratante. Assim, o escrevente refrata a si mesmo, cria uma imagem e, concomitantemente, refrata o outro, numa relação de alteridade com o outro, processo mediado pelo excedente de visão e pelo cronotopo do endereçamento (BORGES, 2017). Ainda que certos recursos linguísticos estejam ausentes, conforme Bakhtin (2011, p. 327), “ainda assim o enunciado refletirá, com grande agudeza, a influência do destinatário e da sua presumida resposta que o locutor seleciona todos os recursos linguísticos de que necessita”.

Ancorados nessas análises, os resultados apontam que o enunciado reflete a influência do diálogo do escrevente com o(s) destinatário(s) no seu percurso pela escrita. Para tal, faz uso de estratégias/recursos para a constituição do que acredita ser um *bom texto*. Essas estratégias indiciam noções de alteridade, de cronotopo do endereçamento e de excedente de visão sendo mobilizadas no processo de escrita da redação para atender às competências do Enem, às expectativas dos destinatários e tentar construir a imagem de universitário que a academia deseja receber, a partir, também, da imagem relativa aos destinatários preconcebida em seu imaginário. Tais noções fundamentam o percurso do escrevente no trabalho com a escrita ao procurar construir imagens refratadas tanto em relação a si – escrevente pré-universitário – quanto em relação a seus destinatários. A tomada de decisões reveladoras das escolhas de posições axiológicas determinadas pelo escrevente, bem como a significância dessas escolhas na constituição da escrita são indicadas na materialidade discursiva do texto, o que nos leva a afirmar que, no processo de escrita da Redação do Enem, o escrevente,

*Revista Gatilho*, Juiz de Fora, v. 24, p. 07-33, 2023 – ISSN: 1808-9461

em diálogo também com o professor de Redação na Educação Básica ou no Cursinho Preparatório para o Enem, define pontos de encontro para a banca examinadora. Ou seja, como ele atende a cada um dos critérios definidos em cada Competência e por que razão ele escolheu determinada estratégia – recursos linguísticos – para atender a essas Competências.

## **6 PALAVRAS FINAIS: POR UMA ESCRITA MAIS DIALÓGICA E EXOTÓPICA**

Neste artigo, objetivamos analisar como o escrevente dialoga com (i) seus destinatários (voz social da academia, o [ex]-professor da Educação Básica ou Cursinho e a banca avaliadora), na seção do *desenvolvimento* do gênero discursivo Redação do Enem e com (ii) as noções de alteridade, posições exotópicas e axiológicas, excedência de visão e cronotopo do endereçamento ao revelar imagens de si nesse processo, como também as possíveis imagens que constrói relativas ao outro. Para esse fim, valemo-nos do paradigma indiciário proposto por Ginzburg (1989, 2006), ao buscar indícios – representados por gestos de linguagem – de como o escrevente dialoga com os seus destinatários, a partir das noções de alteridade, cronotopo(s) e excedente de visão – propostas pela teoria de Bakhtin e do Círculo, na organização do *desenvolvimento* do gênero do discurso Redação do Enem.

Assim sendo, constatamos que, num processo de refração de si e do outro (destinatário), o escrevente desvela imagens por meio da alteridade, da exotopia e da excedência de visão, de maneira a construir pontos de encontro que se configuram a atuação do cronotopo do endereçamento na escrita de pré-vestibulandos. Com efeito, as relações dialógicas entre escrevente e destinatário se dão nas réplicas a partir das quais se denunciam posições axiológicas/valorações adotadas pelo escrevente na constituição do que acredita ser um *bom texto* tendo em vista seus possíveis destinatários.

A noção de cronotopo do endereçamento se torna produtiva exatamente na medida em que se compreende o fato de o escrevente buscar marcar o diálogo com os seus destinatários quando procura antecipar valorações que esses possam fazer acerca de sua escrita, num processo de refração de si e do outro. Estando esses conceitos presentes nos contextos de formação de professores para o ensino de escrita, podem contribuir para a reflexão da não gratuidade das escolhas das quais o escrevente se

apropriada na escrita, ainda que pareça que ele está seguindo um modelo, uma dica, um macete.

Quanto aos principais resultados deste trabalho, destaca-se a importância de o professor de ensino de escrita compreender as noções de alteridade, exotopia, excedente de visão, cronotopo e cronotopo do endereçamento para a reflexão de como e por que o escrevente observa e segue (ou não) o modelo, a estrutura do texto dado e, ademais, por que o escrevente mobiliza determinados recursos linguísticos na escrita em detrimento de outros.

Como exemplo, no ensino da produção da redação do Enem, o professor da Educação Básica/Cursinho poderia valer-se das noções supracitadas para analisar redações bem pontuadas, de modo a mostrar quais estratégias foram usadas pelos vestibulandos/pré-universitários no diálogo com o(s) seu(s) destinatário(s) e a razão pela qual tais estratégias se mostraram eficientes ao atender às Competências que lhes são exigidas e às expectativas do(s) destinatário(s).

## Pre-University Student Writing from a Dialogical Perspective of Language

### ABSTRACT:

This article is the result of analyses of two ENEM essays focusing on aspects related to the ways in which the writer dialogues with their readers in the writing process. This paper aims to search and to analyze how the writer, in the development section of the discourse genre of the Enem essay, dialogues with (i) the social voice of the academy, the former teacher of Basic Education or pre-entrance course and the examination board; and (ii) with the notions of alterity, exotopy, surplus of vision and chronotope of addressing, in order to unveil Self images and Other's image, provoking in the other the sensation of seeing desired self images. To this end, the essays that make up our corpus of analysis were selected, organized, and cut out, taking Ginzburg's (1989, 2006) look as a methodological point of view, anchored in the Indic Paradigm and in the surplus of vision in the instance of the researcher's perspective at the uniqueness of the data. As a theoretical and methodological basis, we have the dialogical perspective of language, descendant of Bakhtin's Circle, considering the interrelationship between alterity, exotopy, surplus of vision, chronotope and chronotope of addressing (BORGES, 2017). The results indicate that the writer refracts themselves in their journey by means of writing, unveiling images and building meeting points that configure the chronotope of addressing. With this reflection, we aim at contributing to the teaching of writing based on the explicitness of the non gratuity of what the writer does in writing in his dialog with the addressee(s).

**KEYWORDS:** Dialogism. Enem essay. Alterity. Writing.



## REFERÊNCIAS:

ALVES, M. C. O cronotopo da sala de aula e os gêneros discursivos. **Signótica**, Goiânia, v. 24, n. 2, p. 305-322, jul./dez. 2012.

BAKHTIN, M. M. (1895-1975). Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 278-327.

BAKHTIN, Mikhail. Formas de tempo e de cronotopo no romance (ensaios de poética histórica). In: BAKHTIN. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 2. ed. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Unesp; Hucitec, 1990. p. 211-362.

BAKHTIN, M. O autor e a personagem na atividade estética. In: BAKHTIN. **Estética da criação verbal**. 5. ed. rev. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BAKHTIN. **Estética da criação verbal**. 6. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN. **Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance**. 16. ed. São Paulo, Hucitec, 2014.

BAKHTIN. **Teoria do romance I: o romance como gênero literário**. Tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015.

BARBOSA, E. A. O narrador em Mikhail Bakhtin. In: BRANDÃO, L. A. (Org.). **Respostas a Bakhtin**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012.

BEMONG, N.; BORGHART, P.; DOBBELEER, M.; DEMOEN, K.; TEMMERMAN, K.; KEUNEN, B. (Orgs). **Bakhtin e o cronotopo: reflexões, aplicações, perspectivas/** Nele Bemong, et. Al.; tradução Oziris Borges Filho, et. al. - 1. Ed. - São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BORGES, R. R. **Escrita de professores em formação inicial: o papel do excedente de visão**. 2017.269 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

BRANDÃO, L. A. (org.). **Respostas a Bakhtin**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012.  
CARVALHO, M. E. M. Diálogo, consciência e alteridade: notas sobre a teoria do romance de Mikhail Bakhtin. In: BRANDÃO, L. A. (Org.). **Respostas a Bakhtin**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012

CABRAL, C. A. Imagens do mundo: notas sobre o cronotopo no pensamento de Bakhtin. In: BRANDÃO, L. A. (Org.). **Respostas a Bakhtin**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012.

CONFIRA REDAÇÕES NOTA MIL NO ENEM 2019, **Brasil Escola**, 2020. Disponível em: [https:// vestibular.brasescola.uol.com.br/enem/enem-2019-estudantes-nota-1000-dao-dicas-pararedacao/347658.html](https://vestibular.brasescola.uol.com.br/enem/enem-2019-estudantes-nota-1000-dao-dicas-pararedacao/347658.html) Acesso em: 18 de set. 2021.

CORRÊA, M. L. G. **Linguagem & comunicação social**: visões da lingüística moderna. Parábola, 2003.

CORRÊA, Manoel Luiz G. (Manoel Luiz Gonçalves). **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. 1997. 422f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270919>>. Acesso em: 21 jul. de 2021.

DE OLIVEIRA DERING, Renato. A Língua Portuguesa na matriz de referência da redação do ENEM. **TEL Tempo, Espaço e Linguagem**, v. 13, n. 1, p. 137-150, 2022.

ENEM 2020: VEJA DUAS DAS REDAÇÕES NOTA 1.000. **Brasil Escola**, 2020. Disponível em: <https://vestibular.brasescola.uol.com.br/enem/enem-2020-leia-uma-das-redacoes-nota-1000/349736.html> Acesso em: 21 abril 2021.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**/ José Luiz Fiorin. 2. Ed. 1. Reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2017.

GINZBURG, C. 1939 - **Mitos, Emblemas, sinais**: morfologia e história/ Carlo Ginzburg; tradução Federico Carotti: São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição/ Carlo Ginzburg; tradução Maria Betânia Amoroso; tradução dos poemas José Paulo Paes; revisão técnica Hilário Franco Jr. - 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

INEP. **Redação no Enem 2019**: cartilha do participante, 2019. Disponível em: [http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/downloads/2019/redacao\\_enem2019\\_cartilha\\_participante.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2019/redacao_enem2019_cartilha_participante.pdf) Acesso em: 21 abril. 2021.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. B.(Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61. acesso em: 18 de ago. 2021.

LADIN, J. “Não era morte”: a carreira poética do cronotopo. In: BEMONG, N.; BORGHART, P.; DOBBELEER, M.; DEMOEN, K.; TEMMERMAN, K.; KEUNEN, B. (Orgs). **Bakhtin e o cronotopo**: reflexões, aplicações, perspectivas. Tradução Oziris Borges Filho, et.al. - 1. Ed. - São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MACHADO, I. **A questão espaço-temporal em Bakhtin**: cronotopia e exotopia. *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*, v. 1, p. 203-234, 2010.

REZENDE, Renato Cabral. Políticas públicas como tema de produção textual: uma análise bakhtiniana de cinco edições da prova de redação do ENEM. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 18, p. 485-506, 2018.

RODRIGUES, F. W. Uma estética bakhtiniana: o eu no outro e a definição do literário. In: BRANDÃO, L. A. (Org.). **Respostas a Bakhtin**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012.

TINEM, N.; BORGES, L. Ginzburg e o paradigma indiciário. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22, 2003, João Pessoa. **Anais do XXII Simpósio Nacional de História: História, acontecimento e narrativa**. João Pessoa: ANPUH, 2003. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.535.pdf> Acesso em: 16 de dez. 2021.

STREET, B. V. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.p.1-65; 95-12.